

Brincadeira ou violência? Uma análise da comunicação verbal dos alunos na escola

Ana Paula Gemelli¹, Gehysa Guimarães Alves,² Cláudio Schubert³

Resumo: A escola é um espaço de aprendizado e construção social que, ao longo do tempo, apresenta um crescente número de ocorrências violentas. Neste ambiente, uma das principais ferramentas de interação é a comunicação verbal, e esta tem sido moldada de acordo com o contexto que a cerca. Este artigo tem como objetivo descrever como a violência se expressa a partir da comunicação verbal entre alunos. Para isto, entrevistamos oito estudantes do Ensino Médio Regular e de Educação para Jovens e Adultos de uma escola pública federal da região metropolitana de Porto Alegre/Rio Grande do Sul/Brasil. Foi realizada Análise de Conteúdo na Modalidade Temática. A partir deste estudo qualitativo, identificou-se percepções dissonantes quanto à existência da violência verbal no espaço escolar. Foram registrados relatos de bullying, racismo e preconceito quanto à orientação sexual, entre outras formas de violência. Notou-se um reconhecimento do potencial violento de algumas falas entre colegas, porém este é minimizado com justificativas baseadas em parâmetros de intimidade e consentimento. Tais constatações evidenciam um processo de banalização e naturalização das falas desrespeitosas e violentas que ocorrem, mas não deveriam ocorrer, no ambiente escolar. Para o enfrentamento dessas situações de comunicação violenta, a escola deve possibilitar a toda a comunidade escolar espaços de discussão e reflexão sobre estratégias para que a comunicação possa contribuir para a construção de relações respeitadas e afetivas, de forma a impactar positivamente na vida de todos.

Palavras-chave: Violência escolar; Violência verbal; Ensino médio.

Play or violence? An analysis of verbal student's communication at school

Abstract: School is a learning and social construction space that, over the time, are increasing the number of violent occurrences. In this environment, one of the main interaction tools is verbal communication, and it's been shaped according to the context that surrounds it. This article aims to describe how violence is expressed through verbal communication between students. For that, we interviewed eight students from a federal public school in the metropolitan region of Porto Alegre / Rio Grande do Sul / Brasil. The data analysis was realized based on Content Analysis in Thematic Mode. From this qualitative study, discordant perceptions were identified regarding the existence of verbal violence in the school space. There were reports of bullying, racism, and prejudice regarding sexual orientation, among other forms of violence. There was a recognition of the violent potential of some statements between colleagues, but this is minimized with justifications based on parameters of intimacy and consent. Such findings show a process of trivialization and naturalization of disrespectful and violent speeches that occur, but should not, in the school environment. To face these

¹ Mestre em Promoção da Saúde, Desenvolvimento Humano e Sociedade pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Coordenadora de Desenvolvimento Institucional no Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS). E-mail: anapaula.gemelli@gmail.com.

² Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Câmpus de Canoas. E-mail: gehysa.alves@gmail.com.

³ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor adjunto do Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Câmpus de Canoas. E-mail: claudio.schubert@ulbra.br.

situations of violent communication, the school must provide to the entire school community spaces for discussion and reflection on strategies for the communication can contribute to the construction of respectful and affective relationships, in order to positively impact everyone's life.

Keywords: School violence; Verbal violence; High school.

1. Introdução

A escola é o local no qual os alunos desenvolvem a formação da sua personalidade e cidadania a partir da apropriação de conhecimentos e valores. É neste espaço que as pessoas aprendem não só o conhecimento científico, mas a conviver em sociedade (LARROSA, 2017). Configurada como importante espaço formativo de crianças e adolescentes, a escola tem a responsabilidade de educar para o mundo, devendo operar como geradora de conhecimentos e fomentadora do processo de desenvolvimento social justo e igualitário (BOTLER, 2016).

Nesse sentido, entendemos o espaço escolar como o local no qual os estudantes devem desenvolver competências para o bem viver e acessar conteúdos científicos, éticos e gerais para a vida em sociedade. A reflexão ética no ambiente escolar é um elemento fundamental para ponderar o papel dos indivíduos na coletividade, principalmente com consciência e responsabilização quanto ao futuro de todos (SIQUEIRA; SCHEID; KLECHOWICZ, 2016). Assim, entende-se a educação como elemento indispensável na promoção da cidadania, na construção de valores e no desenvolvimento intelectual e ético (DESSEN; POLONIA, 2007).

Completando sua função emancipadora de sujeitos ativos, o espaço escolar, por meio de seus profissionais, também deve se constituir como ambiente promotor de saúde e bem-estar. Tal responsabilidade deve ser implementada através da articulação de intervenções coletivas que tencionem para uma vida digna e sadia (ARAÚJO, 2003; DESSEN; POLONIA, 2007). A escola promotora de saúde é aquela na qual os professores atuam além dos conteúdos curriculares, promovendo ações críticas e reflexivas quanto ao ser, viver e conviver saudável (ALVES et al., 2017).

Na contramão dessas premissas, estudos relatam casos de violência escolar, destacando o reconhecimento da sala de aula como cenário de ocorrências violentas (MALTA et al., 2014; PRODOCIMO et al. 2014). Na maioria das vezes, as diferentes formas de violência escolar são manifestadas através de agressão verbal. Trata-se de um comportamento ofensivo, no qual é utilizado o uso de palavras para julgar, humilhar, insultar ou desqualificar a vítima. Muitas vezes, acontece de forma sutil sendo, em um primeiro momento, de difícil identificação (ABRAHANTES et al., 2015; VIANNA et al., 2015; SILVA; ASSIS, 2018).

Nesse sentido, devemos considerar que a comunicação verbal é composta, em parte, pela reprodução das vivências dentro e fora do espaço escolar. Assim, a violência verbal proferida por alunos pode ter como fonte o fator cultural e o próprio aumento da violência na sociedade. Também pode ocorrer pela falta de acompanhamento familiar, ou ainda, pela reprodução de comportamentos violentos presenciados no âmbito familiar (PAULA; KODATO; DIAS, 2013; ABRAHANTES et al., 2015; PACHECO-SALAZAR, 2018).

Observa-se também que as ofensas verbais ocorrem em diversos espaços e com diferentes perspectivas. Vão desde ataques quanto à orientação sexual, racismo, machismo e bullying, até brincadeiras tidas como inofensivas, mas que ofendem e humilham. Também acontecem ataques por questões físicas, quando o indivíduo não se enquadra no padrão estético disseminado pelas mídias e internalizado pela população, ou quando o indivíduo possui alguma deficiência aparente (FORLIM; STELKO-PEREIRA; WILLIAMS, 2014; BARBERO, 2017; PACHECO-SALAZAR, 2018).

Por conseguinte, comumente a comunicação representa um processo alienante quando utiliza julgamento moral, impõe o que é certo ou errado, classifica, compara e julga as pessoas, e o ambiente

escolar, por vezes, reforça esse tipo de interação danosa (MONTEIRO, SANTI, AZEVEDO, 2013). O processo de comunicação precisa ser trabalhado de outra forma, com compaixão e humanidade, visando reforçar as atitudes positivas, com respeito e com responsabilidade. Nesse sentido, existem formas de comunicação que reforçam o uso da violência como forma de expressão e outras que disseminam a cultura da paz, por exemplo, a Comunicação Não Violenta (CNV).

Embora este estudo não tenha como foco a CNV, cabe mencionar que, mais do que uma ferramenta metodológica de resolução de conflitos, trata-se de uma tomada de consciência sobre o que queremos e como externalizamos os nossos sentimentos e ideias. Ela se contrapõe à comunicação alienante, impositiva e que prescreve regras de comportamento, é baseada na reflexão consciente sobre o que expressamos e o que ouvimos do outro (ROSENBERG, 2006).

Assim, este estudo justifica-se pela necessidade de colaborar para o entendimento sobre o processo de comunicação violenta dentro do ambiente escolar. Visa possibilitar uma reflexão que contribua para que se busquem novas políticas e formas de contornar as situações adversas ali identificadas.

Neste cenário, se faz necessário refletir sobre os aspectos que permeiam a comunicação verbal dentro da comunidade escolar. Este artigo tem como objetivo descrever como a violência se expressa a partir da comunicação verbal entre alunos de uma escola pública federal da região metropolitana de Porto Alegre - Rio Grande do Sul - Brasil.

2. Metodologia

Trata-se de um estudo exploratório, qualitativo que busca dar visibilidade a diferentes nuances e percepções identificadas nas falas dos participantes. A pesquisa qualitativa possibilita análises empíricas sobre dados que não podem ser quantificados, viabilizando a exploração e compreensão de cenários imprevisíveis inicialmente (MINAYO, 2014).

Este estudo foi realizado entre os meses de agosto e outubro de 2019 com alunos do Ensino Médio Regular e de Educação para Jovens e Adultos (EJA) de uma escola pública federal da região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul/Brasil, e faz parte do Projeto de Pesquisa, intitulado “Violências e a Escola: a percepção dos alunos sobre as violências no ambiente escolar”. O grupo de participantes foi selecionado por acessibilidade dentre os alunos regularmente matriculados na época da coleta. Foram excluídos os que não responderam a três tentativas de contato inicial ou se negaram a participar e aqueles que estavam afastados das atividades escolares por motivo particular.

Para a coleta dos dados, foi utilizada entrevista semiestruturada, elaborada especificamente para este projeto. As entrevistas ocorreram dentro do complexo da escola e foram gravadas e, posteriormente, transcritas. Todos os participantes escolheram codinomes para serem identificados, garantindo o sigilo de suas identidades.

Utilizamos a Análise de Conteúdo na Modalidade Temática (MINAYO, 2014), que compreende três etapas: a) ordenamento inicial dos dados, quando se fez a transcrição, leitura e releitura do material coletado; b) separação dos dados por unidades temáticas, quando foram agrupadas e organizadas as falas de destaque para facilitar a compreensão dos dados; c) análise final interpretativa, momento em que se fez o cruzamento das unidades de relevância com o material teórico revisado.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Luterana do Brasil, conforme parecer 3.361.792, e atendeu às normas para realização de pesquisas com seres humanos, respeitando a Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Os participantes assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (para os maiores de 18 anos) e Termo de Assentimento Livre

e Esclarecido acompanhado de Termos de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelos responsáveis (para os menores de 18 anos).

3. Resultados e discussão

Os participantes da pesquisa foram oito alunos de Ensino Médio Regular e EJA, conforme o Quadro 1 abaixo, cujos nomes foram substituídos para preservar suas identidades:

Quadro 1: Participantes da pesquisa.

Nome	Idade	Série
Agatha	43 anos	3º Ano EJA
Bruno	18 anos	1º Ano EJA
Cleber	17 anos	3º Ano Regular
Luiz	16 anos	2º Ano Regular
Mateus	17 anos	2º Ano Regular
Nadine	17 anos	3º Ano Regular
Safira	18 anos	3º Ano Regular
Talita	58 anos	3º Ano EJA

Fonte: Elaborado pelos autores.

Ao proceder com a análise, observamos certa falta de reconhecimento da presença da violência verbal no espaço escolar, o que nos levou a trabalhar com três unidades temáticas: percepções dissonantes, preconceitos verbalizados e naturalização da comunicação violenta. Essas categorias possibilitaram uma melhor reflexão sobre os aspectos que permeiam os resultados, como veremos a seguir.

3.1 Percepções dissonantes

Ao serem questionados sobre o que mais ouviam na escola, os participantes recebiam três sugestões: críticas, elogios ou comunicação normal. Os entrevistados foram bastante concisos ao falar sobre sua percepção, não explicando muito o que pensavam. Sobre elogios e críticas, Luiz (16 anos) referiu que sempre procurava olhar o lado positivo da crítica, não se ofendendo com ela. Aponta que [...]eu tento enxergar só os elogios né, e as críticas que são construtivas a gente adquire e tenta melhorar (Luiz, 16 anos).

Bruno (18 anos) reforça essa ideia de a crítica ser positiva ao referir que os colegas, quando o criticam, o fazem para ajudá-lo a melhorar. Assim, não vê problemas nas críticas. Entretanto, Mateus (17 anos) apontou que dentro da escola existe muita competição: “tá todo mundo sempre competindo, tentando diminuir o outro”. Desta forma, afirma que a crítica nem sempre tem como objetivo o crescimento do outro, mas, por vezes, visa à humilhação ou diminuição.

Identificamos que a escola se organiza de forma muito semelhante à sociedade, a qual é competitiva e reforça a ideia de que os mais fortes têm sucesso. Assim, tem se tornado espaço de disputa nas mais variadas formas. A necessidade de ser valorizado faz com que as expectativas de si e a comparação com os outros supere as fronteiras da convivência harmônica (MONTEIRO; SANTI; AZEVEDO, 2013).

O uso da violência verbal para desqualificar outrem possibilita que indivíduos desempenhem papéis sociais impositivamente. Desta forma, apesar de ser um espaço no qual ocorrem intervenções que proporcionam mudanças positivas, o qual ensinar e aprender vai muito além das disciplinas

curriculares, a escola também surge como ponto de repetição de determinados comportamentos violentos na busca de poder e dominação social (OLIVEIR; MARTINS, 2007).

Tal constatação corrobora com a existência de entendimentos divergentes. Além da perspectiva particular, a dinâmica social dentro da escola possui influência direta sobre a compreensão dos alunos. A dissonância de percepções quanto à comunicação, críticas e elogios no espaço escolar mostra que a escola cumpre seu papel de diferentes formas e níveis em um mesmo espaço. Faz-se necessário repensar a atuação da instituição para maximizar o alcance de suas ações educativas e conter a reprodução de discursos detratores.

3.2 Preconceitos verbalizados

Outro aspecto mencionado pelos entrevistados foi o uso de apelidos ofensivos, pejorativos e depreciativos entre os estudantes, o que representa atos segregatícios dentro da comunidade escolar. Ainda que por vezes afirmem não observar de forma negativa ou ofensiva tais violências verbais, muitos consideram depender de quem fala e do grau de intimidade entre os sujeitos, tópico que será abordado e aprofundado mais à frente.

Sobre estes atos, Mateus (17 anos) afirma que o preconceito está presente nas falas, nas brincadeiras e no cotidiano da escola,

[...] o racismo é inerente nas relações, sempre tratando como bonito o branco e o negro como feio. O branco sempre é o bonito” (Mateus, 17 anos).

Um outro entrevistado, Cleber (17 anos), também relatou várias falas de caráter racista que ele presenciou no seu dia a dia na escola. Contou que chamaram uma colega de “preta safada”. Em outro dia, assistiu um colega comparando-o com “...um saco de lixo preto”. Esses discursos são crimes de racismo, mas muitas vezes são minimizados e invisibilizados por conta do racismo estrutural.

O racismo estrutural independe da intencionalidade dos atos. Ele está enraizado nas estruturas da nossa sociedade, presente em hábitos, situações ou falas embutidas nos nossos costumes. Minimiza os atos preconceituosos e a segregação, constituindo essas relações como um padrão de normalidade (ALMEIDA, 2019).

De fato, a realidade social na qual estamos inseridos nos leva pensar a relação escola-violência de forma a tentar entender o atual avanço cada vez mais explícito dos preconceitos (OLIVEIRA; MARTINS, 2007). As falas dos alunos nos permitem compreender que a escola precisa se comprometer mais ativamente – e em conjunto com a comunidade – para a diminuição e contingenciamento deste tipo de comportamento que agrava a qualidade do ensino e o sistema emocional dos educandos. Nesse sentido, é indispensável que a escola desenvolva ações antirracistas que reforcem o entendimento de que ofensa não é brincadeira e racismo é crime, de forma a que os estudantes possam identificar sua nocividade e se contrapor a isso (BOTLER, 2016).

As práticas recorrentes de ofensas verbais que afetam a convivência escolar, a autoestima e definem comportamentos configuram-se como um problema grave a ser abordado por todo sistema educacional. Assim como o racismo, o bullying também é um processo de violência sistêmica, na qual o agressor submete a vítima a situações frequentes de humilhação (ABRAHAMOVAY, 2015; SILVA et al., 2015; VIANNA; SOUZA; REIS, 2015; CROCHÍK, 2016). Ele deve ser combatido por toda a comunidade escolar e se expressa das mais variadas formas. Agatha (43 anos) aponta que [...] começou a chamar a minha colega de velha e de idosa de uma forma pejorativa. Luiz (16 anos) refere que [...] eu acho que a gordofobia é sempre presente na escola, é sempre o precedente pra outros preconceitos.

Os comportamentos relatados remetem aos ideais da ditadura da beleza, na qual se nega a pluralidade do ser em detrimento à objetificação de um modelo imaginário impecável (CURY, 2005; GIORDANI; SEFFNER; DELL'AGLIO, 2017). Entretanto, conforme a fala de Luiz (16 anos), ela dá entrada a outros preconceitos. Geralmente, a pessoa que sofre abuso emocional não o sofre de uma causa única, mas por várias vertentes, e seu comportamento intimidado acaba por fomentar esta forma de violência (OLIVEIRA; SILVA, 2014), comprovadamente nociva (ALBUQUERQUE; WILLIAMS, 2015).

Apesar de alguns estudos apontarem a compreensão insuficiente de professores e gestores sobre a temática do bullying (CROCHÍK et al., 2014; SILVA et al., 2015), torna-se imprescindível a intervenção da instituição nessas relações. Neste cenário, dada sua proximidade cotidiana, os professores possuem poder reconhecidamente legitimado para influir diretamente sobre essas ocorrências, ainda que muitos não o façam (VIANNA, SOUZA, REIS, 2015).

O processo de negação da violência na comunicação e nas relações interpessoais afasta a possibilidade de compreensão, aceitação e respeito às diferenças. Assim, por sua função pedagógica, a escola também deve se impor como mediadora dos comportamentos violentos, buscando através de projetos educacionais e sociais, em conjunto com a comunidade escolar, construir uma ponte entre a conscientização sobre os aspectos danosos do bullying e medidas sócio educativas com ampla participação interna e externa do entorno escolar.

Já em relação às expressões direcionadas às pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e outros espectros de gênero e sexualidade que não se encaixam na heteronormatividade e cisnormatividade (LGBT+), também foram destacadas falas violentas apontadas pelos entrevistados. Segundo Luiz (16 anos), ele já assistiu a várias cenas de LGBTfobia. Talita (58 anos) também referiu que tem colegas que chamam outros de gay ou lésbica e percebe que essas atitudes são formas de homofobia. Tais depoimentos vão ao encontro dos relatos encontrados em outras pesquisas, nas quais são referidos menosprezo, preconceito e discriminação relacionados à orientação sexual (NATAL-NETO; MACEDO; BICALHO, 2016; BRAGA et al., 2018; CARDOSO; ZIMMERMANN, 2020).

A violência relativa às questões de sexo e gênero (comumente chamada de homofobia) é uma forma de construção da masculinidade que afeta as relações sociais. Essas manifestações preconceituosas punem e excluem aqueles que são identificados como transgressores da lógica heteronormativa (MARTINEZ-GUZMAN; INIGUEZ-RUEDA, 2017; BRAGA et al., 2018; LESSA; STREY; EGGERT, 2020), e a escola se mostra como um ambiente hostil, resistente a debater e adaptar-se às demandas emanadas pela temática (NATAL-NETO; MACEDO; BICALHO, 2016).

O medo invisibiliza e normaliza a violência, silencia e isola as vítimas e perpetua a legitimidade deste processo repetitivo (BARBERO, 2017; PACHECO-SALAZAR, 2018). Além disso, a visão reducionista dos elementos que envolvem as relações sociais e moldam o comportamento coletivo corrobora com a perpetuação destes atos heteronormativos (CROCHÍK et al., 2014; SILVA et al., 2015; LESSA; STREY; EGGERT, 2020). Surge, então, a necessidade de combater tais práticas, garantindo o respeito às diferenças e a inclusão indiscriminada no espaço escolar.

3.3 Naturalização da comunicação violenta

Ao observar as falas que sugerem a naturalização da comunicação violenta, notou-se que um dos estudantes abordou a questão da sexualidade, afirmando que chamar alguém de puto é um termo usual entre as pessoas LGBT+, e que não consideram ofensivo. Trata-se uma espécie de brincadeira entre os alunos do grupo, embora reconheçam que fora do seu grupo, com pessoas das quais não possuem intimidade, causa desconforto e se configura como uma violência:

Eu tenho uma brincadeira com meus amigos muito íntimos que a gente se chama de “putão”, a gente gosta de falar isso, toda comunidade LGBT a gente sintetiza pra palavra “putão”, a gente acha muito engraçado. Só que tem gente que não é tão íntimo que pegou a brincadeira e nos chama assim e acaba, fica uma situação muito desconfortável e é uma violência bem grande, assim, porque não tem intimidade, não tem, não tem a mesma ideia, não é a mesma ideia de “putão” que a gente fala, é uma coisa totalmente diferente. {Pejorativa?} Sim, bem pejorativa (Mateus, 17 anos).

Ainda que, falas potencialmente violentas tenham sido mencionadas por vários entrevistados, há um grupo de participantes que não percebe a nocividade dessas ações. Um aspecto importante que emerge dos dados coletados é a presença de certos acordos sociais, nos quais o nível de intimidade ou consentimento entre as partes determina se alguma ação é considerada ou não como violência. Continuando seu relato, Mateus (17 anos) afirma que “o deboche com muita intimidade acaba sendo amistoso” e completa dizendo que “quando uma pessoa que não é íntima a outra pessoa chama ela de um apelido que é muito íntimo, acaba sendo uma violência”. Desta forma reconhece a violência, mas justifica sua verbalização violenta por meio dos aspectos de intimidade e amizade com o agressor.

Citamos abaixo algumas respostas que evidenciam o processo de naturalização das falas agressivas, uma vez que eles consideram que, entre amigos, não existe problema em fazer uso de discursos que seriam considerados violentos em outro contexto.

[...] se eu não tenho intimidade com a pessoa eu não vou fazer uma fala que pareça ofensiva ou debochada, mas se eu me dou com ele, posso fazer e ele não leva a mal (Luiz, 16 anos).

É que sempre que a gente faz piada com os outros a gente tem liberdade, a gente nunca faz piada com uma pessoa que a gente não conhece. Inclusive quando alguém não tá confortável ele vem e conversa com nós né, e vice e versa (Nadine, 17 anos).

Muitos participantes não se enxergam como agentes ou vítimas da violência verbal intencional. Nesse sentido, a permissividade das agressões verbais é medida pelo grau de intimidade entre as partes, onde entra a questão do consentimento. Para Mateus (17 anos) “quando é íntimo eu não me importo, mas quando não é íntimo não é uma coisa legal”. Safira (18 anos) disse que, quando os colegas não gostam, não são chamados por apelidos, “mas, às vezes, escapa”. Esta fala de Safira também sinaliza uma falta de responsabilização em relação às palavras direcionadas aos outros alunos. Apesar de evitar o uso de apelidos sem o consentimento do colega a que se refere, não demonstra preocupação ao afirmar que, por vezes, o faz. A reprodução impassível deste tipo de comportamento possibilita a manutenção de ações que ferem integral e moralmente os indivíduos envolvidos gerando, inclusive, consequências permanentes em suas vidas (GIORDANI; SEFFNER; DELL’AGLIO, 2017). A Organização Mundial da Saúde define violência como:

O uso intencional de força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (KRUG et al., 2002, p. 5).

Assim, uma piada ou brincadeira entre amigos pode não parecer violência, mas, sem ouvir as partes envolvidas, não podemos ignorar o potencial dano psicológico dessas ações. Mesmo em um ambiente amistoso, o que é divertido para um pode não ser agradável para o outro, e nem sempre essas opiniões são manifestadas.

Destacamos ainda que a maioria dos entrevistados afirmaram que não percebem casos de ofensas, minimizando o próprio comportamento abusivo, ou não se enxergando como vítimas de agressões verbais. Este entendimento pode estar ligado à banalização da violência, que também

desponta nos registros dos grupos de alunos, que riem de determinadas situações ou exemplos sem reconhecer seu potencial nocivo (BOTLER, 2016; PACHECO-SALAZAR, 2018). Esses fatos evidenciam um processo de naturalização da violência no ambiente escolar, em que os alunos entendem algumas ações violentas como um meio comum de relacionamento interpessoal (BARBERO, 2017).

A comunicação violenta aparece de forma naturalizada na fala dos participantes, mostrando que se trata de um problema altamente enraizado no comportamento dos estudantes, os quais, por vezes, não reparam que são vítimas ou algozes de seus próprios colegas. Neste caso, observamos que essa forma de comunicação se configura como uma prática social entre os alunos da escola que entrevistamos. Emerge, assim, a necessidade de políticas educacionais que contribuam para a diminuição destes problemas. O desenvolvimento de ações integrativas que permitem aos alunos uma atuação crítica e reflexiva é uma estratégia eficaz para a quebra de comportamentos dogmáticos (SIQUEIRA; SCHEID; KLECHOWICZ, 2016).

4. Considerações finais

Nesta pesquisa, buscamos compreender de que forma a violência verbal é percebida e acontece dentro dos espaços escolares. Após entrevistar e explorar as falas dos oito estudantes, conseguimos vislumbrar aspectos presentes no convívio dos alunos que nos apontaram caminhos para pensar o quanto a violência está estabelecida nos núcleos escolares.

Ao tratar dos contrastes presentes nos relatos dos entrevistados, buscamos destacar o quanto a expectativa que se tem da escola e a realidade vivenciada no cotidiano escolar podem produzir diferentes percepções entre alunos que transitam no mesmo espaço. Percebe-se também que, por vezes, discurso e ação não andam juntos, dado que o entendimento sobre o que se configura como uma prática de violência verbal nem sempre está claro entre os estudantes e, possivelmente, nem entre os professores e a comunidade escolar.

Podemos afirmar que existem sim, diferentes casos e formas de violência verbal no cotidiano escolar. Essas se configuram como um problema enraizado nas práticas discentes, nas quais ofensas, racismo, bullying, preconceito quanto à orientação sexual e demais tipos de agressões estão presentes no dia a dia da escola. Tais atitudes são sutilmente proferidas e, portanto, minimizadas, a ponto de parecerem pequenas brincadeiras entre amigos, ainda que possuam potencial para transmutar-se em violências mais graves.

Em contrapartida, observou-se que alguns participantes reconhecem que possuem uma forma de comunicação que é potencialmente violenta, mas acreditam que isto apenas se configura como um problema quando realizada com pessoas fora do seu grupo de amigos, ou seja, com aqueles que não possuem intimidade. Com os amigos, essa forma de comunicação não é percebida por eles como ofensiva e humilhante.

Não foi possível analisar se os alunos da escola possuem o mesmo entendimento e aceitação com relação à questão da intimidade e consentimento apresentados pelos participantes. As contradições nas falas dos participantes ao longo das entrevistas evidenciam que muitas ações cotidianas não são entendidas como formas de expressão das violências, o que representa um processo de banalização e naturalização deste tipo de atitude.

O cotidiano escolar, permeado por singulares vivências e experiências, pode criar um ambiente hostil de coexistência. As práticas sociais são desenvolvidas através da naturalização de comportamentos danosos à saúde emocional dos estudantes, mas que são reproduzidos pelos aprendizados no âmbito familiar e, igualmente, dentro da escola. Verifica-se assim, a inoperância das políticas públicas e educacionais que deveriam visar a contenção destes atos e a construção de saberes para a vivência coletiva saudável dentro e fora dos espaços educacionais.

Por mais que os jovens saibam identificar traços de violência na comunicação interpessoal, é necessário refletir mais sobre o tema para que possam revisar, de forma crítica, suas atitudes e as que acontecem ao seu redor. A reprodução de relações desrespeitosas, ainda que envoltas em aparente consentimento, pode ter consequências graves ao longo do tempo. Para pesquisas futuras, sugerimos uma análise mais profunda sobre o impacto das relações violentas na vida dos escolares.

É preciso que se construam caminhos assertivos dentro da escola que façam deste espaço um local de acolhimento e construção de cidadãos críticos e responsáveis. A implementação prática dos preceitos norteadores da Comunicação Não Violenta pode fazer com que os estudantes se enxerguem como agentes transformadores da sua própria realidade e da comunidade a qual então inseridos. Também é fundamental o desenvolvimento de ações que inibam atitudes danosas e despertem a consciência ética, o combate à violência verbal, ao bullying, ao racismo e demais formas de agressão que ocorrem no cotidiano escolar.

Este estudo levanta a necessidade de olhar para a comunicação e a ética nas relações interpessoais entre os escolares de forma mais atenta e aprofundada. É um tema importante e ainda pouco estudado, mas observa-se que ele é frequente e causa mal-estar. Além disso, pode se configurar como um dos fatores atuantes para a desistência escolar, assunto passível de novos estudos. A contribuição deste artigo foi trazer luz sobre um tema de grande dimensão e relevância social. Entretanto, são importantes novos estudos que ampliem a população a ser analisada e que possam desenvolver uma metodologia híbrida na qual mais estudantes possam ser escutados em relação ao tema.

5. Referências

- ABRAHANTES, Taimi Nereida Rodríguez; FERNÁNDEZ, Osvaldo Ramos; ABRAHANTES, Arahy Rodríguez; NOGUEIRA, Alberto Larrosa; MORA, Maritza Ledón. Violencia escolar em adolescentes de una Escuela Secundaria Básica en el Campo. *Revista Cubana de Enfermería*. **Revista Cubana de Enfermería**, v. 31, n. 1, p. 39 – 49, 2015. Disponível em: <http://www.revenfermeria.sld.cu/index.php/enf/article/view/726/114> Acesso em: 25 fev. 2020.
- ABRAMOVAY, Miriam. **Programa de prevenção à violência nas escolas**: Violências nas Escolas. Brasília: Flacso/Brasil, 2015.
- ALBUQUERQUE, Paloma Pegolo de; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. Impact of the Worst School Experiences in Students: A Retrospective Study on Trauma. **Paidéia**, v. 25, n. 62, p. 343 – 351, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-43272562201508>. Acesso em: 18 out. 2019.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- ALVES, Gehysa Guimarães; VIEIRA, André Guirland; AERTS, Denise Rangel Ganzo de Castro; CÂMARA, Sheila; SCHUBERT, Claudio; GEDRAT, Dóris Cristina. A escola enquanto espaço produtor da saúde de seus alunos. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 12, n. 2, p. 916-932, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21723/riace.v12.n2.8492>. Acesso em: 28 abr. 2020.
- ARAÚJO, Ulisses Ferreira de. **Temas transversais e a estratégia de projetos**. São Paulo: Moderna, 2003.
- BARBERO, Matías de Stéfano. Hacerse hombre en el aula: masculinidad, homofobia y acoso escolar. **Cadernos Pagu**, n. 50, p. 1 – 28, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449201700500014>. Acesso em: 18 out. 2019.

- BOTLER, Alice Miriam Happ. Injustiça, conflito e violência: um estudo de caso em escola pública de Recife. **Cadernos de Pesquisa**, v. 46, n. 161, p. 716 – 732, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053143676>. Acesso em: 18 out. 2019.
- BRAGA, Iara Falleiros; SANTOS, Manoel Antônio dos; FARIAS, Marilurdes Silva; FERRIANI, Maria das Graças Carvalho; SILVA, Marta Angélica Iossi. As múltiplas faces e máscaras da heteronormatividade. **Salud & Sociedad**, v. 9, n. 1, p. 052-067, 2018. Disponível em: <https://revistas.ucn.cl/index.php/saludysociedad/article/view/2868> Acesso em: 28 abr. 2020.
- CARDOSO, Adriano Rogério; ZIMMERMANN, Tânia Regina. Masculinidade e sexualidade hegemônica através de grafitos em uma ambiência escolar. **Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**, v. 7, n. 14, p. 155-175, 2020 Disponível em: <https://desafioonline.ufms.br/index.php/persdia/article/view/8087> Acesso em: 12 mai. 2020.
- CURY, Augusto. **A ditadura da beleza e a revolução das mulheres**. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.
- CROCHÍK, José Leon; SILVA, Pedro Fernando; FRELLER, Cintia Copit; ALVES, Lucas Stefano de Lima; CARRENHO, Aline Costa; DALENOGARE, Gianluca Vergian. Análise de concepções e propostas de gestores escolares sobre o bullying. **Acta Scientiarum**, v. 36, n. 1, p. 115 – 127, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v36i1.21940> Acesso em: 28 abr. 2020.
- DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, p. 21-32, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2007000100003> Acesso em: 28 abr. 2020.
- FORLIM, Bruna Garcia; STELKO-PEREIRA, Ana Carina; WILLIAMS, Lucia Cavalcanti de Albuquerque. Relação entre bullying e sintomas depressivos em estudantes do ensino fundamental. **Estudos de Psicologia**, v. 31, n. 3, p. 367 – 375, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-166x2014000300005> Acesso em: 28 abr. 2020.
- GIORDANI, Jaqueline Portella; SEFFNER, Fernando; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Violência escolar: percepções de alunos e professores de uma escola pública. **Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v. 21, n. 1, p. 103-111, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-3539201702111092> Acesso em: 28 abr. 2020.
- KRUG, Etienne G.; DAHLBERG; Linda L.; MERCY, James A.; ZWI, Anthony B.; LOZANO, Rafael (ed.). **Relatório Mundial Sobre Violência e Saúde**. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2002.
- LARROSA, Jorge. **Elogio da escola**. Tradução de Fernando Coelho. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- LESSA, Adriana da Silva; STREY, Marlene Neves; EGGERT, Edla. Reafirmação heteronormativa: um olhar para o documentário “Escola sem preconceitos”. **Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**, v. 7, n. 14, p. 280 – 294, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/issue/view/550> Acesso em: 26 abr. 2020.
- MALTA, Deborah Carvalho; MASCARENHAS, Márcio Dênis Medeiros; DIAS, Antônio Ribeiro; PRADO, Rogério Ruscitto do; LIMA, Cheila Marina; SILVA, Marta Maria Alves da; SILVA JÚNIOR, Jarbas Barbosa da. Situações de violência vivenciadas por estudantes nas capitais brasileiras e no Distrito Federal: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escola (PeENSE 2012). **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 17, n. 1, p. 157 – 171, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-4503201400050013> Acesso em: 28 abr. 2020.
- MARTINEZ-GUZMAN, Antar; INIGUEZ-RUEDA, Lupicínio. Práticas discursivas e violência simbólica em direção à comunidade LGBT no contexto universitário. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 27, supl. 1, p. 367-375, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-432727s1201701>. Acesso em: 18 out. 2019.

- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- MONTEIRO, Aline; SANTI, Angela; AZEVEDO, Nyrma. (Org.). **Educação, Violência e Contemporaneidade**. Niterói: UFF, 2013.
- NATAL-NETO, Flávio de Oliveira; MACEDO, Geovani da Silva; BICALHO, Pedro Paulo Gastalho. A Criminalização das Identidades Trans na Escola: Efeitos e Resistências no Espaço Escolar. **Psicologia Ensino & Formação**, v. 7, n. 1, p. 78 - 86, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.21826/2179-58002016717886>. Acesso em: 19 out. 2019.
- OLIVEIRA, Érika Cecília Soares; MARTINS, Sueli Terezinha Ferreira. Violência, sociedade e escola: da recusa do diálogo à falência da palavra. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 90-98, 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822007000100013>. Acesso em: 18 out. 2019.
- OLIVEIRA, Tatiana. C. S. M. de; SILVA, Vanessa Monteiro. Conflitos na escola: ensaios para uma política de cuidado. **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v. 14, n. 29, p. 123-135, abr. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2014000100009&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 28 abr. 2020.
- PACHECO-SALAZAR, Berenice. Violencia escolar: la perspectiva de estudiantes y docentes. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, v. 20, n. 1, p. 112 – 121, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.24320/redie.2018.20.1.1523> Acesso em: 05 mai. 2020.
- PAULA, Alexandre da Silva de; KODATO, Sérgio; DIAS, Francielle Xavier. Representações sociais da violência em professores da escola pública. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 4, n. 2, p. 240 – 254, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072013000200008&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 18 out. 2019.
- PRODOCIMO, Elaine; SILVA, Rosiane Gonçalves Coelho; COSTA, Raquel Rodrigues; MATTOSINHO, Paulo Vitor Bognoli. Violencia escolar: reflexiones sobre los espacios de ocurrencia. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, v. 16, n. 2, p. 1 – 15, 2014. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1607-40412014000200001&lng=es&nrm=iso Acesso em: 05 mai. 2020.
- ROSENBERG, Marshall Bertram. **Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais**. Editora Agora, 2006.
- SILVA, Flaviany Ribeiro da; ASSIS, Simone Gonçalves. The prevention of violence in interdisciplinary programs implemented in Brazilian and Portuguese school. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 9, p. 2899 – 2908, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232018239.12422018> Acesso em: 26 fev. 2020.
- SILVA, Jorge Luiz da; OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de; SILVA, Marta Angélica Iossi da; PEREIRA, Beatriz Oliveira; CECILIO, Sálua. Estudo exploratório sobre as concepções e estratégias de intervenção de professores em face o bullying escolar. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 17, n. 3, p. 189 – 199, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872015000300015&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 19 out. 2019.
- SIQUEIRA, Ataiz Colvero; SCHEID, Neusa Maria John; KLECHOWICZ, Newton Juliano. Discussões éticas para uma adequada compreensão da ciência como instituição. **Tecné Episteme y Didaxis: TED**, 2016. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/43271/22584> Acesso em: 19 out. 2019.
- VIANNA, José Antonio; SOUZA, Silvana Márcia de; REIS, Katarina Pereira dos. Bullying nas aulas de Educação Física: a percepção dos alunos do Ensino Médio. **Ensaio: Avaliação e Políticas**

Públicas em Educação, v. 23, n. 86, p. 73 – 93, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362015000100003> Acesso em: 18 out. 2019.

Recebido em: 10 de maio de 2020.
Aceito em: 01 de junho de 2020.
Publicado em: 24 de novembro de 2020.